

BOAS NOTÍCIAS PARA OS QUE SOFREM

Ervino Schmidt

Preocupa-nos a situação do pequeno agricultor. Preocupa-nos a situação do irmão que é obrigado a deixar a sua roça e a partir em busca das periferias das grandes cidades, na esperança de uma vida melhor. Perguntamos pelo nosso compromisso a partir do Evangelho.

Queremos, neste artigo, trazer inicialmente um exemplo da luta pela sobrevivência de alguém que veio ou poderia ter vindo do campo para a cidade nos idos anos de 30. Veremos, então, essa mesma luta, hoje, em escala evidentemente bem outra. Em seguida, voltaremos nossa atenção para o problema da terra propriamente dito. E, finalmente, perguntaremos pela nossa tarefa nessa situação concreta, isto é, por eventuais pistas que pudessem levar alguma esperança aos que sofrem.

I – LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA NA PERIFERIA DAS GRANDES CIDADES.

Chamou-me atenção uma reportagem do Correio do Povo do dia 3 de fevereiro de 1980. O seu título estava lá em letras garrafais: "Dyonélio Machado eleito o melhor do ano em literatura". Melhor do ano refere-se ao ano de 1979. Dyonélio é um escritor gaúcho, nascido em Quaraí, em 1895. É autor de numerosas obras. Cito somente algumas: "O Louco do Cati", "Os Ratos", "Desolação", "Passos Perdidos" e os "Deuses Econômicos". Ele é doutor em medicina e psiquiatria. No governo Vargas foi preso político durante dois anos. Foi deputado pelo Partido Comunista.

Verifiquei que suas obras se definem por um forte cunho social. Principalmente seu livro "Os Ratos" poderia ser chamado de romance de "tensão crítica". Surgiu em 1935. Dyonélio não foi o único a focar uma temática que abrange as dificuldades da sociedade urbana que começa a receber as primeiras levas de compositores. Mas é, de qualquer forma, um dos poucos. Poderíamos citar Érico Veríssimo que igualmente optou pelo romance de cunho social. E pelo Brasil a fora havia ainda alguns poucos outros.

Quanto a Érico Veríssimo, sua obra "Caminhos Cruzados" é um belo exemplo. Nela é tratado o tema da tensão existente entre opressores e oprimidos, da desigualdade de classes, enfim.

Mas, voltemos para a obra "Os Ratos"! A época é a "da luta pelo poder entre a aristocracia rural decadente e a incipiente burguesia industrial, a cujo carro se atrelam as emergentes classes médias urbanas, cuja componente militar é representada pelos "tenentes". O desaguadouro é a Revolução de 1930". (1) Parece-me que essa observação é correta. Em todo caso, a partir daí o modelo agrário vigente entra em declínio. É, praticamente, a despedida da era agrária. A industrialização avança e compromete os alicerces rurais.

Em Porto Alegre já fumegam as chaminés das indústrias que nos são tão conhecidas. Já se haviam estabelecido a Renner, a Wallig, a Neugebauer e diversas outras. Essas indústrias atraíram para a cidade os primeiros contingentes do êxodo rural. É esse o palco no qual se desenrola a ação de "Os Ratos".

Queremos acompanhar Naziazeno Barbosa – é esse o nome do personagem central do romance – na sua resistência às pressões sociais. O que é narrado se passa num espaço de tempo condensado de 24 horas.

Tudo inicia quando, numa certa manhã, o leiteiro lhe diz decidido: "Lhe dou mais um dia"(2) O leiteiro não aceita desculpas. Está mesmo disposto a cortar o fornecimento do leite, se Naziazeno não arranjasse até a manhã seguinte os 53 mil réis que estava devendo. "Lhe dou mais um dia", foram essas as palavras. "O leiteiro diz-lhe aquelas coisas, despenca-se pela escadinha que vai do portão até à rua, toma as rédeas do burro e sai a galope, fustigando o animal, furioso, sem olhar para nada"(3).

Entre Naziazeno e a esposa desenvolve-se uma discussão. O marido quer convencer a esposa de que o leite não é mesmo tão necessário. O final desse diálogo um tanto exaltado é marcante. Diz Adelaide, a esposa; "Pobre do meu filho". Ao que ela ouve como resposta: "O nosso filho não haveria de morrer por tão pouco. Eu não morri, e muita vez só o que tinha pra tomar era água quente com açúcar". Segue-se ainda esta intervenção de Adelaide: "Mas, Naziazeno(...) tu não vês que uma criança não pode passar sem leite?..."(4)

(1) Maciel, L. *Romance de tensão crítica*. Correio do Povo de 3 de fevereiro de 1980.

(2) Machado, D. *Os Ratos*. 4. ed., Editora Bels, 1973, pág. 2.

(3) idem, pág. 1.

(4) idem, pág. 4.

Com o último dinheiro que ainda havia em casa – a mulher tinha vendido uma garrafa, dois vidros de trezentas gramas e dois menores – o protagonista do romance vai para a rua. O velho bonde já se aproxima. Durante a viagem mil pensamentos passam pela cabeça de Naziazeno. Ele tenta não encarar os conhecidos que viajam com ele. Pensativo mete a mão no bolso. Sente os dez tostões. Lembra a venda dos vidros. Estes lhe recordam, por sua vez, a ocasião em que seu filho estava seriamente adoecido. Havia suspeita de meningite. O menino foi-se recuperando. “Foi pouco a pouco ganhando forças, ganhando carne”(5). O pai estava mais feliz do que nunca. Mas no meio dessa felicidade tinha que constantemente ouvir a frase: “Tu ainda não pagaste o doutor, Naziazeno... Não paga ninguém”(6). O bonde continua sua marcha. Com maestria é descrito como as palavras: “Lhe dou mais um dia” vão se tornando uma verdadeira obsessão.

Nossa personagem tem um emprego. O ganho, porém, é pouco. Nesta manhã não pretende ir direto ao seu trabalho. O seu primeiro plano é abordar um velho conhecido. Mentalmente esboça o que haveria de dizer: “Doutor, vejo-me outra vez forçado a recorrer...” Não! Isto é vago, geral. Deve dizer o fato, o que se passa. “Doutor, imagine a minha situação, o meu leiteiro...” Não! Não! Trivialidade ... uma trivialidade ... “O meu filho, doutor!” Outra vez o teu filho, Naziazeno ... sempre o teu filho ...”(7) Tem outros planos. Parte para outras tentativas. Não exclui o recurso ao diretor da sua repartição de trabalho.

Passa por situações humilhantes. Aborda, depois de muitas andanças, o diretor. Achou que esse talvez o compreendesse. E eis a resposta: “O Sr. pensa que eu tenho alguma fábrica de dinheiro? (o diretor diz essas coisas a ele, mas olha para todos, como que a dar uma explicação a todos. Todas as caras sorriem.) Quando o seu filho esteve doente, eu o ajudei como pude. Não me peça mais nada. Não me encarregue de pagar as suas contas: já tenho as minhas, e é o que me basta...”(8)

Mais uma derrota. Só uma coisa o preocupa: Arranjar o dinheiro para pagar ao leiteiro aquela importância! Naziazeno está cansado. Mas disfarça o cansaço porque sempre de novo lhe vem uma nova esperança. Um amigo lhe dá um endereço. Moraria ali um devedor seu. Trata-se do resto de uma comissão. Se Naziazeno

(5) idem, pág. 8

(6) idem, pág. 8

(7) idem, pág. 17

(8) idem, pág. 37

conseguisse cobrar este dinheiro para o seu amigo, poderia receber o empréstimo. Mas o senhor procurado se limita a dizer que não se lembra bem do caso. Finalmente, encontra alguém que lhe empresta uma cédula de cinco mil réis. É pouco! Muito pouco! Resolve aumentar esse dinheiro no jogo do bicho. Passa quase o resto da tarde jogando. Por fim, perde tudo. Já cai a noite quando com muita complicação recebe o dinheiro de que tanto necessitava, até um pouquinho mais do que isso. Um conhecido, com quem já se encontrara no início do dia, consegue resgatar um anel empenhado por muito pouco e empenhá-lo em outro lugar onde chegou a ganhar muito mais dinheiro por ele.

Na volta para casa tudo já estava fechado. Só uma daquelas lojas de turcos ainda estava aberta. Compra dois leõezinhos "desses para as crianças morderem quando da dentição"(9) para o seu filho. Não lhe importa que seu filho Mainho já tenha quase quatro anos. Não havia outra coisa.

Com muita ternura é descrita a chegada em casa e o encontro com a esposa que já andava muito ansiosa.

Antes de se deitarem, a panela do leite é posta sobre a mesa branca, muito esfregada. Perto dela Naziazeno coloca o dinheiro. Não consegue, no entanto, dormir. Aquela noite lhe parece um século. "É estranho: um cansaço tão grande, e não conseguir conciliar o sono..."(10) Ouve os mais diversos ruídos. Tenta identificá-los. Por fim, ouve um barulho de ratos. São os ratos!! São muitos!! Num pesadelo imagina os ratos a roerem as notas do dinheiro tão dramaticamente conseguido. O sentimento de perda é total. Por isso, não tem nem sequer a coragem de levantar-se e nem as forças necessárias. A agonia só chega ao fim ao clarear do dia quando ouve o leiteiro despejando o leite na vasilha. Então Naziazeno dorme.

Tocou-me profundamente este romance, porque captou, de maneira extraordinária, a luta pela sobrevivência de alguém que se fixou na periferia da cidade em busca de melhores condições de vida. O personagem manifesta o seu inconformismo. Certo, não o faz explicitamente. Antes, o seu comportamento demonstra um caráter passivo. Pensa ele próprio que a única maneira de enfrentar o conflito é a mansidão. Não reflete sua situação em termos de justiça. Acha que vai ser salvo pela bondade dos homens. De qualquer forma, também isso vem a apontar, em última análise, para o grave distúrbio no seio da realidade social. A questão descrita e

(9) idem, pág. 115.

(10) idem, pág. 131.

que não se restringe a Porto Alegre, aguçou-se assustadoramente nos últimos anos. Lavradores migram em elevado número para as grandes cidades à procura de uma oportunidade, à procura de trabalho. O documento da CNBB "Igreja e problemas da terra" acentua que "há no país, milhões de migrantes, muitos dos quais obrigados a sair do seu lugar de origem, ao longo dos anos, devido principalmente à concentração da propriedade da terra, à extensão das pastagens e à transformação nas relações de trabalho na lavoura".(11) O que acontece é sabido. A maioria dos que assim partem à procura de uma oportunidade de trabalho acaba vivendo em condições subumanas.

Dom Paulo Evaristo Arns diz que "o migrante, muitas vezes, tem menos do que os próprios animais. Não sabe onde reclinar a cabeça nas próximas noites nem como encontrar paz para a família".(12) Constata que há poucos anos atrás havia 25 a 30 favelas em São Paulo. Hoje são 1204. Um número alarmante. Um número que realmente causa espanto. A situação tende a agravar-se. Quem ganha salário mínimo e já vivia em casa própria ou alugada, hoje acaba sendo empurrado para a favela. "Ao que ganha pouco só resta a escolha entre moradia e comida. Para não morrer, decide gastar quase tudo o que ganha para comer um pouco. Em vez de moradia terá o barraco, que não possui nem a beleza, nem o conforto de uma toca para animais".(13) Conta que um padre, que vive com os favelados, descobriu — isso talvez nos surpreende — uma favela "em que 90% dos moradores são operários que trabalham nos serviços mais humildes da indústria Volkswagen"(14) Não importa, no caso, o nome da indústria. O que surpreende e espanta é que um assalariado dentro das normas da lei estabelecida, é empurrado para a favela. Sem dificuldades poderíamos continuar ainda por muito tempo relatando sobre essa triste realidade na qual vive grande parte dos que vão para os grandes centros do Brasil em busca de melhores condições de vida. Está claro que dos milhões de migrantes nem todos procuram as grandes cidades. Uma parte deles se dirige às regiões de nova colonização, onde enfrentam problemas que certamente não são pequenos.

(11) CNBB. *Igreja e problemas da terra*. pág. 10.

(12) CIEC. *Boletim Informativo do Centro de Informações ECCLESIA*, São Paulo, nº 628 de 21 de março de 1980.

(13) CIEC, nº 628.

(14) CIEC, nº 628.

II - LATIFÚNDIO E GRANDE EMPRESA AGRÁRIA VERSUS AGRICULTOR COM POUCA OU SEM TERRA

Queremos, agora, ver mais de perto a situação dos que permanecem no campo. Antes de mais nada, podemos afirmar que o campo foi atingido por um processo que genericamente chamamos de processo de modernização. Quem provém do interior pode observar isso quando retorna, após alguns anos, para visitar seus familiares e parentes. Tudo está totalmente transformado! O progresso invadiu mesmo os mais distantes lugarejos. Ainda pouco tempo atrás, as pessoas no interior levavam uma vida pacata. Visitavam-se com freqüência; à noite, após o trabalho realizado, acendiam a velha lanterna à querosene que fumegava e dava luz muito fraca que mal iluminava os próximos passos. Caminhavam longe para conversar com as pessoas do seu círculo de relações sobre as experiências que cada qual estava fazendo. Discutiam as dificuldades de sua comunidade. Também assuntos de fé eram abordados. A Igreja ocupava um lugar importante na vida. Despediam-se fortalecidos na comunhão. Nas últimas férias um tio me disse: "Hoje ninguém tem tempo. Todos correm. Chega a noite, estão cansados e exaustos. Para uma única coisa somente ainda se tem disposição: Sentar para ver as novelas. Parece que todo mundo está obstinado por um lucro sem limites. Todos querem viver como o pessoal da cidade. Querem possuir o que, a partir dos grandes centros, lhes é anunciado pela televisão. Até verduras não se planta mais! Bem como o pessoal da cidade se busca as mesmas do super-mercado". Bem, aqui fala um homem inconformado com o desenvolvimento das coisas. Ele não é contra o progresso em si, nem é um saudosista, mas ele parece perceber que em toda essa estrutura algo está errado. Não sabe defini-lo bem. Mas, no fundo, ele está sentindo que o modo de produção capitalista na agricultura tem lá os seus defeitos.

Sobre o sem número de conflitos entre grandes empresas nacionais e multi-nacionais e os colonos que são forçados a entregar suas terras, em geral, não se sabe muito. Sabe-se da briga entre vizinhos por causa da demarcação das propriedades. Comentários pelo rádio - há alguns bons - não se ouve mais. Jornais mais críticos não se lê e as novelas não informam acerca dessas coisas. As lutas entre grilheiros e fazendeiros, de um lado, e entre posseiros e índios, de outro, não chegam a ser assunto. Isso tudo parece estar muito distante. Que 100 Km adiante já existem grandes empresas agrárias que expulsam o pequeno agricultor ou que fazem dele um proletário rural, isso não inquieta ou ainda não inquieta. O

que quero dizer é que essa desinformação parece fazer parte do todo.

Abandonemos, agora, essa experiência isolada e pessoal e voltemo-nos para a situação de uma maneira mais ampla. O exemplo que citei, em todo caso, mostra que em muitos lugares não se tem consciência ou somente se pressente de maneira indefinida que um exagerado caminho da modernização é fortemente influenciado pelos latifundiários e pelas grandes empresas. Em outros lugares já se tem uma consciência mais clara sobre quem incentiva e continuará incentivando ao máximo esse desenvolvimento. O próprio Estado está por trás disso. "Incentivará as modificações das relações de trabalho e de produção dentro de uma perspectiva que favoreça aos que detém o monopólio da propriedade da terra".(15)

Para enfrentar as importações, as prestações vencidas da dívida externa do país, vem impulsionando a produção agrícola no sentido de aumentar sobretudo os produtos de exportação. A opinião oficial é de que se deva estimular no campo o assim chamado espírito empresarial. Espera-se daí uma rápida elevação da produção. São criados projetos especiais com o fim de elevar a produção. Nesse processo, pelo que tudo indica, não há lugar para os 11 milhões de trabalhadores sem terra ou com pouca terra. Aliás, aos pequenos proprietários, arrendatários, parceiros e posseiros resta somente submeter-se a esse processo sem benefícios quaisquer.

Aí entra também toda a problemática do crédito agrícola que somente é acessível àqueles que podem dar garantia para a operação. Quem tem terras facilmente consegue recursos para ter ainda mais.

O documento da CNBB "Igreja e problemas da terra" tem um capítulo intitulado "o modelo político a serviço da grande empresa"(16). Cita, sobretudo, a questão dos incentivos fiscais. Diz textualmente: "A política de incentivos fiscais é uma das causas fundamentais da expansão das grandes empresas agropecuárias à custa e em detrimento da agricultura familiar" E, mais adiante: "A política de incentivos fiscais desvia dinheiros de todos para uso de uma minoria não atendendo às exigências do bem comum. Esse dinheiro deixa de ser aplicado em obras de interesse público para ser desfrutado como coisa própria, pela grande empresa. Embora se reconheça oficialmente que a maior parte da alimentação em nosso

(15) Gomes, M. *Os dois caminhos opostos para o desenvolvimento da agricultura: a modernização ou a repartição da terra*. Movimento, 10/1/1977.

(16) CNBB. *Igreja e problemas da terra*. pág. 8.

país provém dos pequenos agricultores, até hoje não se promoveu uma política de incentivos fiscais ou de renda em seu favor. Essa política revela o Estado comprometido com os interesses dos grandes grupos econômicos”(17):

Há muitas vozes que se levantam para apontar que esse processo estrangula cada vez mais os pequenos e os humildes. O Estado de São Paulo de 19 de agosto de 1978, por exemplo, publica um documento que diz o seguinte: “Não se pode aceitar que os objetivos econômicos, mesmo numa certa fase do desenvolvimento, sacrifiquem o atendimento das necessidades e dos valores fundamentais da pessoa humana”. Para muitos a solução é a Reforma Agrária. Ela viria a beneficiar milhões de famílias que trabalham a terra. Há autores que afirmam que ela simplesmente seria “a forma mais consequente, do ponto de vista econômico, e que mais está de acordo com os interesses das massas rurais, do ponto de vista social”(18). Além do acesso à terra, deverão ser criadas condições favoráveis para seu cultivo. Importante é que a Reforma Agrária aconteça com ampla participação dos interessados. Pompeu Alcides Borges, considerado especialista em assuntos agrários, afirma que a reforma “é o instrumento hábil para romper o monopólio de terras e trazer para a margem de cultivo econômico aquelas propriedades que vivem num regime de autoconsumo”(19). Entendo isso assim que, antes de mais nada, é necessário parcelar os latifúndios e melhorar a distribuição de renda agrícola. A preocupação é que seja assegurada a estabilidade daqueles que objetivamente já exploram e ocupam a terra. Não serão necessários grandes deslocamentos artificiais da população.

Também a CNBB defende a Reforma Agrária como um passo concreto entre outros quando fala de “Nosso compromisso Pastoral”: “Apoiamos os esforços do homem do campo por uma autêntica Reforma Agrária, em várias oportunidades já definida”(20)

III – O DEUS QUE TEM PAIXÃO PELA VIDA E NOSSO ENGAJAMENTO

Os graves problemas do migrante que se fixa na periferia das grandes cidades, as necessidades e todo tipo de pressão e exploração a que está exposto o agricultor com pouca ou sem terra estão diante dos nossos olhos. Há outros grupos que nem puderam

(17) *idem*, pág. 8

(18) Gomes, M. *Movimento*. 10/1/1977.

(19) Borges, A. *A reforma agrária-conceitos controversias e falácias*, Rio 1975.

(20) CNBB. *Igreja e problemas da terra*. pág. 34.

ser mencionados neste estudo. A situação é séria!! A Igreja Católica Romana já tomou posição ensaiando passos corajosos.

Nas nossas fileiras também se entende, cada vez mais, que condições objetivas de opressão não são expressão da vontade de Deus. Sempre mais irmãos defendem que problemas da exploração do homem pelo homem não podem ser solucionados em dimensões pessoais. Também na práxis da IECLB em diversos lugares começam a surgir grupos que denunciam estruturas que se manifestam como "expressões objetivas de relações violentas de domínio" (R. Alves). Mesmo da parte da direção da Igreja a voz profética se faz ouvir de maneira clara. Daria para citar uma série de exemplos, onde em nossas comunidades está acontecendo uma tomada de posição em favor do fraco. Vale ainda, mas não é a regra o que R. Alves afirma do protestantismo de modo geral, ou seja, que este "tenderia a ver as condições de miséria das massas como consequência de sua própria indolência, isto é, como tendo sua causa nas condições subjetivas das mesmas"(21) No meu entender a afamada frase: "O pobre é pobre porque não trabalha" não é mais tão facilmente usada entre os nossos membros. Tudo isso é alvissareiro e motivo para gratidão.

Continuam, no entanto, para nós certas dificuldades e facilmente desanimamos diante da tarefa da promoção do homem em todos os seus aspectos, diante da tarefa de nos colocarmos do lado dos que se encontram na miséria. Achamos que nós não podemos fazer muito ou mesmo nada. Que podemos fazer?

1. Em primeiro lugar, devemos pregar de maneira mais decidida que Deus se compromete apaixonadamente com os homens e os acompanha na sua luta. Não faz muito tempo, estive conosco o professor J. Moltmann. Ele acentuou esse aspecto.

Entre nós ainda está muito arraigada a concepção de que Deus deve ser um Deus apático. Parece que isso combina com a afirmação de que ele é eterno. Muito interessante é o que escreve, nesse particular, H. Zahrnt. Ele evidentemente concorda que Deus é eterno, "mas o mesmo Deus de quem se diz que existe desde a eternidade e que permanecerá o mesmo para sempre é chamado na Bíblia de "Deus de Abraão, Isaque e Jacó". Qualquer que seja a maneira em que se explique concretamente essa designação de Deus, em todo caso com ela é introduzido um momento de movimento, quem sabe, mesmo de transformação para dentro de Deus e precisamente mediante seu relacionamento voluntário para com o homem e sua história".(22)

(21) Alves, R. *O Protestantismo Latino Americano como uma Força de Colonialismo* (polígrafo).

(22) Zahrnt, H. *Gott kann nicht sterben*. 2 ed., (Muenchen, 1970). pág. 72.

Martim Lutero expressou algo semelhante em sua preleção sobre a carta aos Romanos (1515/16): "Deus é mutável em alto grau ... Como alguém é em si mesmo como sujeito, assim Deus lhe é, em contrapartida, como objeto"(23). E numa prédica sobre Mt 8.13, já bem mais tarde (1534), ele diz: "Como Adão crê, assim ele tem Deus, como o pinta em seu coração, assim o encontra ... Por isso diz Deus: Se me concebes bem, me tens corretamente; se me concebes mal, me possues mal. Como crês, assim o tens"(24)

Deus é eterno, sim, mas é um Deus vivo!! Ele é um apaixonado pela vida. Entra em aliança com os homens e os acompanha em sua caminhada. Tornou-se "vulnerável ao amor" como diz J. Moltmann. E em todo lugar onde a vida que Deus ama está sendo sufocada, ali Deus sofre. Quem descobre no sofrimento dos posseiros, que são expulsos, na dor do agricultor que de maneira sutil é obrigado a vender as suas terras para uma grande empresa agrária, caindo com isso num futuro incerto com toda sua família, quem descobre, na triste sorte do nosso índio o sofrimento do próprio Deus, não pode permanecer apático.

Em Jesus Cristo vemos claramente a manifestação do amor desse Deus apaixonado. A vida de Jesus é uma vida marcada pela paixão pela vida. Ele cria vida entre os que sofrem porque os ama. Morre amando. Entrega-se. Por isso, na realidade, mesmo morrendo, ganha a vida, ressuscita. Está aí a nossa esperança! É o Deus vivo que nos preserva do naufrágio. Ele próprio nos dá as forças para não fugirmos do sofrimento com tentativas de propor um consolo barato para um além distante. Deus quer que comecemos a viver a plenitude já antes da morte! Isso significa engajamento onde vida plena está ameaçada.

2. É necessário que nos perguntemos, se realmente estamos sendo o próximo para os que sofrem no sentido da parábola do Bom Samaritano. Iniciemos com a pergunta: por que o sacerdote e o levita passaram para o outro lado do caminho, fazendo um desvio? Certamente havia uma porção de valores que lhes significaram mais do que o homem assaltado. Não é assim que também nós temos tantos valores a defender e, nem que seja o valor igreja como instituição, que não temos condições de auxiliar os que caíram nas mãos de salteadores? Jean Cardonnel, teólogo francês, traz um exemplo de como no século passado, na França e na Inglaterra, morriam muitas crianças por esgotamento no trabalho de tecela-

(23) WA 56,234.

(24) WA 37,451ss.

gem. Seu comentário: "O assim chamado mundo cristão passou de largo"(25).

Se somos seguidores do Deus que tem paixão pela vida, então esta deve ser muito importante para nós. Sim, ela será tão importante para nós que entregaremos a nossa vida. Não se exige a nossa morte. O que é exigido é o empenho da nossa vida. Isso poderá, evidentemente, levar à morte. Somente empenhando a nossa vida nos tornaremos irmãos. O ódio, a divisão, a injustiça e a violência que vemos a cada dia falam sua própria linguagem. E nós em meio a tudo isso? Dizem que não somos irmãos. Podemos responder a essa acusação com S. Galilea: "Não somos irmãos, mas podemos sê-lo. Esse é o ensino e a capacidade que nos dá o Evangelho: Jesus nos exige e nos dá forças para fazer-nos irmãos"(26). Aqui se vê algo decisivo: Tornamo-nos próximos quando nos comprometemos com os que necessitam de nós. E continua: "Fazer-se irmão do outro significa sair do "nosso mundo" para entrar "no mundo do outro". Entrar na sua cultura, sua mentalidade, suas necessidades, sua pobreza. O fazer-se irmão supõe, sobretudo, entrar no mundo do pobre"(27). Penso que é por isso que tantas vezes passamos para o outro lado do caminho e procuramos um desvio. Achamos difícil sairmos do nosso mundo. Mas a verdade é que cada vez que nos comprometemos com o outro, tornando-nos o próximo para ele e irmão, acontece reconciliação.

Olhando a situação que descrevemos nos primeiros dois capítulos, não nos cabe perguntar: "O que acontecerá se eu me meter nessa luta?" A pergunta deverá, antes, ser a inversa: "o que acontecerá se eu não entrar nela?" Somos nós todos como comunidade, como Igreja o próximo para os que, em nossos dias, caíram nas mãos de salteadores?

(25) Cardonnel, J. *Gott in Zukunft*. 2.ed., (Muenchen, 1969), pág. 63.

(26) Galilea, S. *El seguimiento de Cristo*. (Santiago. Chile). pág. 30.

(27) *idem*, pág. 31